



Empirical Articles

Contributos Para a Validação Portuguesa do Family Relationship Index (FRI) Reduzido

Contributions to the Portuguese Validation of the Reduced Family Relationship Index (FRI)

Mayra Delalibera*^a, Alexandra Coelho^b, António Barbosa^c, Isabel Leal^a

[a] ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal. [b] Unidade de Medicina Paliativa, Centro Hospital Lisboa Norte, Hospital de Santa Maria, Lisboa, Portugal. [c] Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Portugal.

Resumo

Objetivo: Considerando a importância das relações e do funcionamento familiar para o bem-estar psicológico dos seus membros e o desenvolvimento de psicopatologias, este estudo teve como principal objetivo contribuir para a validação portuguesa da versão reduzida do Family Relationship Index (FRI).

Método: A amostra foi constituída por 193 participantes portugueses que responderam ao questionário online. Dos participantes, 65.3% eram do sexo feminino, com idade média de 44.65 anos e 63.2% eram casados.

Resultados: Através da análise fatorial confirmatória da escala, foram encontrados dois fatores (conflito e coesão/expressividade), ao invés de três como na escala original e o modelo fatorial final apresentou bons índices de qualidade de ajustamento. A consistência interna para o fator coesão/expressividade foi de 0.902 e 0.741 para o fator conflito. À exceção do item seis, os demais itens do FRI apresentaram pesos fatoriais superiores a 0.5 e todos os itens eram estatisticamente significativos. Relativamente às tipologias familiares, os resultados revelam que a maioria das famílias pertencia à tipologia solucionadora de conflitos (34.7%).

Conclusão: Daqui se conclui que o instrumento apresenta boa consistência interna e fiabilidade de constructo, assumindo-se como um instrumento útil para a identificação de famílias disfuncionais.

Palavras-Chave: funcionamento familiar, FRI, validação, escalas

Abstract

Aim: Considering the importance of relationships and family functioning in the psychological well-being of its members and in the development of psychopathology, this study aimed to contribute to the Portuguese validation of the reduced version of the Family Relationship Index (FRI).

Methods: The sample was composed of 193 Portuguese participants who responded to an online questionnaire. Participants were mostly female (65.3%), with an average age of 44.65 years, and 63.2% were married.

Results: Confirmatory factor analysis of the scale resulted in two factors (conflict and cohesion/expressiveness), instead of three, as in the original scale, and the final factor model showed good levels of adjustment quality. The internal consistency for the cohesion/expressiveness factor was 0.902 and 0.741 for the conflict factor. With the exception of item six, the other items of FRI presented factor weights greater than 0.5, and all items were statistically significant. Concerning family types, results reveal that most families belonged to conflict resolving type (34.7%).

Conclusion: In conclusion, this instrument has good internal consistency and construct reliability, so it can be useful for the identification of dysfunctional families.

Keywords: family functioning, FRI, validation, scale

Psychology, Community & Health, 2018, Vol. 7(1), 87–96, doi:10.5964/pch.v7i1.193

Received: 2016-04-05. Accepted: 2018-02-12. Published (VoR): 2018-12-21.

Handling Editor: Sara Monteiro, Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia, Aveiro, Portugal; CINTESIS - Center for Health Technology and Services Research, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

*Corresponding author at: R: Dom Afonso Henriques, 217 – 8^oAi –2765-571, Estoril, Portugal. E-mail: mayrarmani@gmail.com



This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Atualmente reconhece-se a importância de compreender de que forma a dinâmica familiar contribui para o desenvolvimento de psicopatologias. Alguns estudos (Edwards & Clarke, 2005; Kieffer-Kristensen & Teasdale, 2011; Kissane, Bloch, Onghena, et al., 1996; Kissane et al., 2003) têm demonstrado que famílias disfuncionais apresentam altas taxas de morbidade psicossocial, incluindo depressão e ansiedade. Outros trabalhos relatam que altos níveis de morbidade psicossocial estão associados positivamente com um pior funcionamento familiar (Delalibera, Presa, Coelho, Barbosa, & Franco, 2015; Kissane et al., 2006), o que sugere que o bom funcionamento familiar é um dos principais componentes do bem-estar psicológico dos seus membros (Kissane, Bloch, McKenzie, Mcdowall, & Nitzan, 1998).

As características pessoais de cada familiar e a sua capacidade para lidar com situações inesperadas, geradoras de distress e/ou ameaçadoras do seu bem-estar podem afetar a qualidade das relações familiares (Moos & Moos, 1981). Moos e Moos (1981) definem o ambiente familiar como a percepção que cada membro possui sobre a sua própria família, ou seja, o clima sociofamiliar decorrente dos relacionamentos intrafamiliares, do crescimento pessoal, da organização e do controlo do sistema familiar. Esses autores consideram também que o ambiente familiar influencia os membros da família e o seu processo de adaptação às mais diversas situações. Portanto, torna-se importante conhecer e avaliar o ambiente e as necessidades familiares e providenciar suporte adequado às famílias disfuncionais, principalmente durante períodos de maior distress, como nos casos de doença e luto.

Em 1981, Moos e Moos desenvolveram a Family Environment Scale (FES), instrumento destinado a avaliar o ambiente familiar. A FES é composta por 90 itens com respostas dicotômicas (verdadeiro/falso) que avaliam a percepção do clima social e interpessoal da família. Os itens estão divididos em 10 subescalas, sendo que três destas compõem o Índice de Relações Familiares (Family Relationship Index - FRI) que se destina a avaliar o relacionamento familiar. O instrumento FRI é composto pelas subescalas coesão, que avalia a ajuda e suporte entre os membros da família e a capacidade para funcionarem juntos como uma equipa; expressividade, que avalia a comunicação e expressão de pensamentos e sentimentos; e conflito, que avalia a expressão aberta de raiva e agressividade entre os membros da família.

Kissane e outros investigadores (Kissane, Bloch, Onghena, et al., 1996; Kissane, Bloch, McKenzie, Mcdowall, & Nitzan, 1998; Kissane & Bloch, 2002) sugerem que o FRI pode ser um bom instrumento para identificar famílias disfuncionais e pessoas em risco de desenvolver problemas de adaptação. Esses autores desenvolveram uma versão reduzida do FRI e propõem assim a sua utilização como um instrumento de rastreio de comorbilidade individual e do funcionamento familiar. A partir da utilização da versão reduzida do FRI como instrumento de triagem, Kissane e colaboradores (Kissane, Bloch, Dowe, et al., 1996; Kissane et al., 1998) conseguiram estabelecer cinco tipologias de funcionamento familiar. São elas: as famílias com bom funcionamento compostas pelas famílias apoiantes e as famílias solucionadoras de conflitos; as famílias com funcionamento intermédio; e as famílias disfuncionais, compostas pelas famílias mal-humoradas e hostis.

As famílias com bom funcionamento apresentam sempre alta coesão e diferem apenas em relação ao conflito, uma vez que as famílias apoiantes não apresentam conflitos familiares e as famílias solucionadoras de conflitos podem apresentar um baixo nível de conflito. As famílias intermédias apresentam moderada coesão e expressividade e baixo nível de conflito; as famílias mal-humoradas apresentam níveis moderados de coesão, expressividade e conflito, e procuram pouca ajuda mesmo entre os seus membros. As famílias hostis apresentam baixo nível de coesão, expressividade de sentimentos e pensamentos e alto nível de conflitos entre seus

membros. Além disso tendem a rejeitar ajuda de outras pessoas (Kissane, Bloch, Dowe, et al., 1996). Segundo Kissane e colaboradores (Kissane et al., 1998; Kissane & Bloch, 2002) a coesão é o principal determinante da tipologia familiar e qualquer redução na sua pontuação torna-se o primeiro marcador de preocupação para a classificação da tipologia familiar.

Devido ao interesse em avaliar o funcionamento familiar, procurámos na literatura internacional as várias escalas existentes com essa finalidade e verificámos que a única validada para a população portuguesa era a FACES III (Family Adaptation and Cohesion Scales) (Currell et al., 1999). Num estudo preliminar de validação da FES para a população portuguesa realizado por Ferreira (2011), a análise fatorial das subescalas do FRI resulta em dois fatores, ao invés de três como na escala original (coesão, expressividade e conflito). O fator 1 foi constituído por 13 itens e designado percepção do clima relacional colaborativo/positivo na família de origem ($\alpha = 0.924$), e o fator 2, constituído de 11 itens, foi designado percepção do clima relacional desligado/negativo na família de origem ($\alpha = 0.875$). Relativamente à versão reduzida do FRI, localizamos apenas um estudo australiano (Edwards & Clarke, 2005) que realizou a validação do instrumento para ser usado como ferramenta de triagem do risco psicológico nas famílias de doentes com cancro. Nesse estudo, os autores aplicaram o FRI em três momentos após a confirmação do diagnóstico de cancro e encontraram valores de consistência interna que variam de 0.55 – 0.62, para o fator coesão, 0.48 - 0.56 para o fator expressividade e 0.65 – 0.70 para o fator conflito. De acordo com Moos (1990) esses valores de consistências internas não são incomuns para o FRI devido ao formato dicotómico das respostas.

Devido à necessidade de criar instrumentos breves e de fácil compreensão para auxiliar na avaliação psicológica do funcionamento familiar, o presente estudo teve como objetivo traduzir, adaptar e contribuir para a validação para a população portuguesa da versão reduzida, adaptada e instituída por Kissane et al. (1998), do Family Relationship Index (FRI), subescala da FES criada por Moos e Moos (1981).

Método

Participantes

A amostra, não probabilística, foi selecionada por conveniência através do preenchimento de um questionário online, que ficou disponível na internet de maio a setembro de 2014. Os participantes receberam por e-mail um convite para participar na pesquisa e responder ao questionário online. Nesse e-mail, estava detalhado o objetivo do estudo. Dos voluntários que responderam ao questionário, fizeram parte da amostra todos os portugueses com mais de 18 anos que responderam à escala completa. O questionário foi respondido por 198 pessoas e cinco sujeitos foram excluídos por não cumprirem os critérios pré-estabelecidos.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário sociodemográfico para a caracterização dos participantes e a versão reduzida, adaptada e instituída por Kissane et al. (1998) do FRI para avaliar o funcionamento familiar. A versão reduzida do FRI é composta por 12 itens com respostas dicotómicas (*Verdadeiro/Falso*), em que os participantes devem responder *verdadeiro* se pensam que a frase/situação se aplica à sua família, ou *falso*, se a frase/situação não se aplicar à sua família. A escala possui três subescalas: coesão (e. g. “Os membros da família ajudam-se e apoiam-se realmente uns aos outros”), expressividade (e. g. “Os membros da família guardam frequentemente

Tabela 1

Pontuação FRI e Tipologia Familiar

Subescalas	Classificação dos resultados para tipos de famílias				
	Apoiantes	Solucionadoras de conflitos	Intermédia	Mal-humorada	Hostil
Coesão	4	4	3-4	2-3	0-2
Expressividade	4	3-4	1-3	1-2	0-2
Conflito	0	0-2	0-1	1-2	1-4
FRI total	12	10-11	8-9	5-7	0-4

Nota. Regras de cotação: Coesão = 1 Verdadeiro + 4 Falso + 7 Verdadeiro + 10 Verdadeiro; Expressividade = 2 Falso + 5 Verdadeiro + 8 Falso + 11 Verdadeiro; Conflito = 3 Verdadeiro + 6 Falso + 9 Verdadeiro + 12 Falso; FRI = Resultados de Coesão + Expressividade + Conflito invertido (0 a 4).

os sentimentos para si próprios”) e conflito (e.g. “Discutimos muito na nossa família”). Cada uma das subescalas está representada por quatro itens do instrumento.

Seguindo a orientação de Kissane e Bloch (2002), a cotação da escala e a classificação das tipologias familiares é feita através da soma dos itens em cada uma das subescalas (pontuação de 0 a 4) e depois é feita a soma do total das subescalas coesão e expressividade, mais a soma do total da subescala conflito invertida. As famílias com bom funcionamento (apoiantes e solucionadoras de conflito) apresentam pontuação máxima na subescala coesão e um valor total na soma de todos os itens superior a nove. As famílias solucionadoras de conflito apresentam uma baixa pontuação na subescala conflito, ao contrário das apoiantes, que não pontuam neste fator. As famílias intermédias e disfuncionais (mal-humorada e hostil) apresentam pontuação total inferior a nove e coesão reduzida (ver pontuação e classificação na Tabela 1).

Procedimento

Seguindo as normas estipuladas por Beaton, Bombardier, Guillemin, e Ferraz (2000), para o processo de tradução e adaptação do FRI, realizaram-se duas traduções independentes para a língua portuguesa, efetuadas por duas pessoas bilingues. Após analisadas as discrepâncias existentes entre as duas traduções e elaborada uma versão final, essa versão foi analisada por alguns profissionais da área de psicologia com o objetivo de garantir a correspondência de significados, a concordância gramatical e a adequação das expressões à cultura portuguesa. Após o consenso, a versão final do FRI foi pré-testada numa amostra de 10 sujeitos, para verificar a compreensão do instrumento e eventuais dificuldades de interpretação.

Foi então criado o questionário online com as questões sociodemográficas e o FRI reduzido. Os participantes receberam por e-mail um convite para participar na pesquisa e responder ao questionário online. No e-mail enviado, foi detalhado o objetivo do estudo e assegurada aos participantes a confidencialidade das informações recolhidas.

Este estudo integra uma pesquisa mais ampla aprovada pela Comissão de Ética do Centro de Investigação do ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Análise dos Dados

Os dados descritivos da pesquisa foram analisados com o auxílio do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22.0. Uma vez que o FRI é uma escala com repostas nominais e dicotômicas, a validade fatorial foi avaliada através da análise fatorial confirmatória (AFC) realizada com o programa Mplus versão 7.2.

Para avaliar o modelo proposto foram analisados os seguintes índices de qualidade de ajustamento: χ^2/df (razão qui-quadrado/ graus de liberdade), *CFI* (comparative fit index), *TLI* (Tucker Lewis index) e *RMSEA* (root mean square error of approximation). De acordo com Maroco (2010), os índices de adequação do modelo são considerados satisfatórios para os valores de χ^2/df inferiores a 3, *CFI* e *TLI* superiores a 0.90 e de *RMSEA* inferiores a 0.10.

A consistência interna foi avaliada através da fiabilidade compósita (*FC*) e os valores de $FC \geq 0.7$ indicam fiabilidade de constructo do instrumento. De acordo com Maroco (2010), a fiabilidade individual dos itens (R^2), deve ser igual ou superior 0.25 para ser considerada apropriada. A validade fatorial foi avaliada pelos pesos fatoriais estandardizados, e se os pesos fatoriais forem iguais ou superiores a 0.5 o fator apresenta validade fatorial. A validade convergente foi estimada pela variância extraída média (*VEM*), e os valores da $VEM \geq 0.5$ indicam validade convergente (Maroco, 2010).

Resultados

A população do estudo foi constituída por 193 participantes. Desses participantes 65.3% eram do sexo feminino, 63.2% casados, com média de idade de 44.65 anos ($DP = 12.92$) e 75.2% dos participantes haviam concluído pelo menos a licenciatura (Tabela 2).

Tabela 2

Caracterização Sóciodemográfica da População.

Dados sociodemográficos	Participantes (N = 193)
Idade Média (Desvio Padrão)	44,65 (DP = 12,92)
Amplitude	19 - 85
Género, n (%)	
Masculino	67 (34.7)
Feminino	126 (65.3)
Estado Civil, n (%)	
Solteiro	54 (28)
Casado/ União estável	122 (63.2)
Separado/ Divorciado	16 (8.3)
Vívuo	1 (0.5)
Escolaridade, n (%)	
Até 4º ano	3 (1.6)
Até 9º ano	7 (3.6)
Até 12º ano	38 (19.7)
Licenciatura	97 (50.3)
Mestrado	44 (22.8)
Doutoramento	4 (2.1)

De acordo com o modelo proposto por Kissane et al. (1998) o FRI é composto por três fatores, cada um deles com quatro itens. Procedeu-se a análise fatorial confirmatória a partir da matriz de correlação policórica, para avaliar a validade e fiabilidade da escala. Ao analisar a correlação entre os três fatores, encontramos uma correlação perfeita ($r = 1$) entre os fatores coesão e expressividade, o que demonstra que os itens desses fatores parecem não se distinguir entre si. A correlação entre os fatores expressividade e conflito foi de $r = -0.46$, e entre os fatores coesão e conflito foi de $r = -0.50$, o que confirma a teoria de que quanto maior a coesão e a expressividade entre os membros das famílias, menor o nível de conflito.

Relativamente aos índices de qualidade de ajustamento testados do FRI reduzido, os valores encontrados foram $\chi^2/df = 1.747$, $CFI = 0.935$, $TLI = 0.915$ e $RMSEA = 0.062$, o que indica que o modelo fatorial possui bom ajustamento, não sendo assim necessário realizar ajustes ao modelo.

Devido ao forte indicador de multicolinearidade entre os fatores coesão e expressividade, foi efetuada uma nova análise fatorial da escala com apenas dois fatores (conflito e coesão/expressividade), ficando assim o instrumento composto por apenas dois fatores. A correlação entre os novos fatores foi de $r = -0.54$, e os valores dos índices de qualidade de ajustamento encontrados foram $\chi^2/df = 1.673$, $CFI = 0.939$, $TLI = 0.924$ e $RMSEA = 0.059$, muito semelhantes aos valores do instrumento com três fatores.

Dos itens que compõem o FRI, a exceção do item seis, todos apresentaram pesos fatoriais elevados ($\lambda \geq 0.5$) e todos os itens, sem exceção, são estatisticamente significativos ($p < 0.05$), com confiabilidades individuais adequadas ($R^2 \geq 0.25$), à exceção do item seis, o que indica que cada um dos itens do FRI compreende um marcador importante no constructo do funcionamento familiar (Tabela 3).

Tabela 3

Fatores, Itens do FRI e Respetivos Pesos Fatoriais Para a Escala Constituída por dois fatores.

Fator / Item	λ	p	R^2	FC	VEM
Coesão / Expressividade				0.902	0.550
1. Os membros da família ajudam -se...	0.810	< .001	0.656		
4. Em casa parece que muitas vezes ...	0.571	< .001	0.326		
7. Empenhamo-nos muito naquilo ...	0.907	< .001	0.822		
10. Existe um sentimento de união ...	0.982	< .001	0.964		
2. Os membros da família guardam ...	0.526	< .001	0.276		
5. Dizemos tudo o que queremos em ...	0.505	< .001	0.255		
8. É muito difícil desabafar em casa ...	0.659	< .001	0.434		
11. Contamos os nossos problemas	0.817	< .001	0.667		
Conflito				0.741	0.441
3. Discutimos muito na nossa família.	0.724	< .001	0.524		
6. Os membros da família raramente ...	0.320	.014	0.102		
9. Os membros da família, por vezes ...	0.620	< .001	0.384		
12. Os membros da família quase ...	0.869	< .001	0.755		

O índice de consistência interna avaliado através da fiabilidade compósita foi de 0.902 para o fator coesão/expressividade e 0.741 para o fator conflito. A validade convergente avaliada através da VEM para o fator coesão/expressividade foi de 0.550, e 0.441 para o fator conflito.

Tabela 4

Tipologias Familiares

Tipologia	%
Famílias Funcionais	48.2
Apoiantes	13.5
Solucionadoras de Conflito	34.7
Famílias Intermédias	34.2
Famílias Disfuncionais	17.6
Mal - Humoradas	11.4
Hostis	6.2

Fizemos também uma nova análise retirando o item seis para verificar se ocorreriam alterações significativas, porém os resultados demonstraram apenas um ligeiro aumento dos valores da *VEM* para 0.454 e da *FC* para 0.785.

Relativamente à classificação familiar dos participantes do estudo, de acordo com as tipologias familiares estabelecidas por Kissane, Bloch, Dowe, et al. (1996) a maioria enquadra-se nas famílias solucionadoras de conflito (34.7%). Se somarmos as duas tipologias de famílias funcionais, o número de participantes nesta categoria é ainda superior (48.2%). O segundo maior grupo são as famílias intermédias (34.2%) e as famílias disfuncionais estão representadas em menor número (17.6%), como pode ser observado na Tabela 4.

Discussão

O principal objetivo do presente estudo foi contribuir para a validação para a população portuguesa da versão reduzida do Family Relationship Index (FRI), instituída e adaptada por Kissane et al. (1998).

Relativamente à correlação entre os fatores, de acordo com a teoria e também com a cotação utilizada para classificar as tipologias familiares, é esperado que as famílias mais coesas e com maiores pontuações no fator expressividade apresentem menos conflitos familiares, como descrito por Kissane e Bloch (2002), o que justifica a correlação negativa entre os fatores. Já a correlação perfeita encontrada entre os fatores coesão e expressividade, indica que os itens que compõem os dois fatores não se diferenciam em relação ao fator, ou seja, podemos considerá-los como pertencentes a um mesmo fator comum e, portanto, agrupá-los, criando o fator coesão/expressividade. Os próprios autores da escala reduzida (Kissane & Bloch, 2002) reconhecem a alta correlação entre os dois fatores, e devido aos resultados da AFC preferimos optar por agrupar os dois fatores. A não diferenciação dos itens desses fatores pode ser atribuída à interpretação que a amostra fez dos itens da escala, uma vez que as características da população do estudo podem influenciar diretamente na estrutura de uma escala. Outra hipótese é a grande similaridade entre os itens dos dois fatores, portanto, é necessária a aplicação da escala em amostras diferentes para se verificar se o mesmo fenómeno se repete e assim confirmar a estrutura fatorial.

Através da AFC foi possível verificar que todos os itens do FRI, à exceção do item seis (“Os membros da família raramente mostram que estão zangados”), apresentaram pesos fatoriais superiores a 0.5 e, por isso, contri-

buem para a avaliação do construto funcionamento familiar. Na nova análise onde o item seis é retirado, observámos uma ligeira melhoria nos valores da *VEM* e da *FC* do fator coesão, porém a *VEM* continuou com valores inferiores a 0.5. Preferimos manter o item e conservar a estrutura da escala de acordo com a original, já que o interesse em validar esse instrumento é poder utilizá-lo como ferramenta de triagem para identificar famílias disfuncionais e pessoas em risco de desenvolver problemas de adaptação, e como tal, o item seis é importante na cotação e classificação das tipologias familiares seguindo as regras estabelecidas pelo autor da escala reduzida. O peso fatorial reduzido desse item pode estar relacionado com a forma como o mesmo está descrito, já que na construção da frase os autores utilizaram um advérbio com sentido negativo (raramente) e, portanto, os participantes podem ter apresentado alguma dificuldade para compreender e responder corretamente a esse item.

A consistência interna – importante medida de fiabilidade avaliada pela fiabilidade compósita – apresentou valores elevados, superiores a 0.74 em cada um dos fatores, o que confirma a fiabilidade de constructo do FRI. O instrumento apresenta também fiabilidade individual e validade fatorial. A validade convergente pode ser questionável, uma vez que a *VEM* apresentou resultados satisfatórios para o fator coesão/expressividade e valor ligeiramente inferior ao adequado para o fator conflito, o que demonstra, mais uma vez, a necessidade de mais estudos com diferentes populações.

Em relação às tipologias familiares, os participantes eram maioritariamente famílias funcionais (solucionadoras de conflito) e intermédias, porém é importante ressaltar que a população do estudo foi composta pela população geral, sem nenhuma patologia ou psicopatologia específica identificada e, portanto, em outros estudos com uma população específica, as tipologias podem variar, como no caso dos estudos dos autores da versão reduzida da escala. No estudo de [Kissane, Bloch, Dowe, et al. \(1996\)](#) com 269 familiares enlutados de pacientes oncológicos, a maioria das famílias também foi classificada como funcional (52.4%, as apoiantes eram 27.5% e as solucionadoras de conflito 24.9%), seguida das disfuncionais (30.1%, as mal-humoradas eram 18.2% e as hostis 11.9%) e famílias intermédias (17.5%). Já no estudo com 257 familiares de doentes acompanhados em cuidados paliativos, a maioria dos sujeitos foi classificada como sendo da tipologia familiar intermédia (47%), seguida das famílias funcionais (29%) e das famílias disfuncionais (24%) ([Kissane, Bloch, Onghena, et al., 1996](#)).

Analisando os resultados obtidos através da análise fatorial confirmatória do FRI reduzido, foi possível concluir que o instrumento apresenta boa consistência interna, fiabilidade individual e de constructo e validade fatorial, demonstrando assim ser um instrumento adequado para a avaliação e identificação de famílias disfuncionais. Porém é necessária a aplicação da escala em amostras diferentes para verificar se a estrutura fatorial com apenas dois fatores se repete confirmando assim a sua a estrutura fatorial.

Como limitações do estudo é possível apontar a necessidade de mais estudos com outras populações para se verificar qual é a melhor estrutura fatorial para a versão reduzida do instrumento e a relevância da permanência do item seis na escala, uma vez que esse item é importante para a classificação das tipologias familiares.

É necessária mais investigação para se verificar as tipologias familiares predominantes em populações específicas, visto que a amostra do presente estudo foi obtida por conveniência na população geral e outros estudos dos autores da escala encontraram resultados distintos na população de familiares de doentes oncológicos e de doentes acompanhados em cuidados paliativos.

Financiamento

Os autores não têm qualquer financiamento a declarar.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) uma vez que, este trabalho foi desenvolvido no âmbito do doutorado no exterior da autora principal, como bolsista CAPES.

Referências

- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, *25*(24), 3186-3191. doi:10.1097/00007632-200012150-00014
- Curral, R., Dourado, F., Roma Torres, A., Barros, H., Palha, A., & Almeida, L. (1999). Coesão e adaptabilidade familiares numa amostra portuguesa: Estudos com o Faces III. *Psiquiatria Clínica*, *20*(3), 213-217.
- Delalibera, M., Presa, J., Coelho, A., Barbosa, A., & Franco, M. H. P. (2015). Family dynamics during the grieving process: A systematic literature review. *Ciencia & Saude Coletiva*, *20*(4), 1119-1134. doi:10.1590/1413-81232015204.09562014
- Edwards, B., & Clarke, V. (2005). The validity of the family relationships index as a screening tool for psychological risk in families of cancer patients. *Psycho-Oncology*, *14*(7), 546-554. doi:10.1002/pon.876
- Ferreira, C. V. O. (2011) *Clima relacional na família de origem e ambiente da família nuclear* (Tese de mestrado integrado em psicologia). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal.
- Kieffer-Kristensen, R., & Teasdale, T. W. (2011). Parental stress and marital relationships among patients with brain injury and their spouses. *NeuroRehabilitation*, *28*(4), 321-330. doi:10.3233/NRE-2011-0660
- Kissane, D. W., & Bloch, S. (2002) *Family focused grief therapy: A model of family-centred care during palliative care and bereavement*. Buckingham, United Kingdom: Open University Press.
- Kissane, D. W., Bloch, S., Dowe, D. L., Snyder, R. D., Onghena, P., McKenzie, D. P., & Wallace, C. S. (1996). The Melbourne family grief study, I: Perceptions of family functioning in bereavement. *The American Journal of Psychiatry*, *153*(5), 650-658. doi:10.1176/ajp.153.5.650
- Kissane, D. W., Bloch, S., McKenzie, M., Mcdowall, A. C., & Nitzan, R. (1998). Family grief therapy: A preliminary account of a new model to promote healthy family functioning during palliative care and bereavement. *Psycho-Oncology*, *7*(1), 14-25. doi:10.1002/(SICI)1099-1611(199801/02)7:1<14::AID-PON313>3.0.CO;2-D
- Kissane, D. W., Bloch, S., Onghena, P., McKenzie, D. P., Snyder, R. D., & Dowe, D. L. (1996). The Melbourne family grief study, II: Psychosocial morbidity and grief in bereaved families. *The American Journal of Psychiatry*, *153*(5), 659-666. doi:10.1176/ajp.153.5.659

- Kissane, D. W., McKenzie, M., Bloch, S., Moskowitz, C., McKenzie, D. P., & O'Neill, I. (2006). Family focused grief therapy: A randomized, controlled trial in palliative care and bereavement. *The American Journal of Psychiatry*, *163*(7), 1208-1218. doi:10.1176/ajp.2006.163.7.1208
- Kissane, D. W., McKenzie, M., McKenzie, D. P., Forbes, A., O'Neill, I., & Bloch, S. (2003). Psychosocial morbidity associated with patterns of family functioning in palliative care: Baseline data from the Family Focused Grief Therapy controlled trial. *Palliative Medicine*, *17*(6), 527-537. doi:10.1191/0269216303pm808oa
- Maroco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Lisboa, Portugal: ReportNumber.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1981). *Family environment scale manual*. Palo Alto, CA, USA: Consulting Psychologists Press.
- Moos, R. H. (1990). Conceptual and empirical approaches to developing family-based assessment procedures: Resolving the case of the Family Environment Scale. *Family Process*, *29*(2), 199-208. doi:10.1111/j.1545-5300.1990.00199.x